

CENTRO MÉDICO HOMEOPÁTICO DE SÃO PAULO

"David Castro"

A VONTADE COMO LIMITAÇÃO À HOMEOPATIA

Autores: *George W. Galvão Nogueira

**Vagner Doja Barnabé

"...o indivíduo é ao mesmo tempo a causa do conhecimento e encontra aí a palavra do enigma: esta palavra é VONTADE. Isto, e somente isto lhe dá a chave de sua própria existência fenomenal; dissolve - lhe sua significação, mostra-lhe a força interior/ que faz seu ser, suas ações, seu movimento..."

(Schopenhauer. "O Corpo como Representação e como Vontade")

Um dos pontos da filosofia médica que mais nos tem preocupado e mais profundamente nos tem feito refletir, é o que se refere às limitações da Homeopatia.

Nestes nossos quase 13 anos de vida homeopática e já 16 anos de Medicina, foram várias as vezes que lemos ou ouvimos trabalhos médicos ou médico-homeopáticos sobre este tema, sem que nenhum nos satisfizesse, possivelmente pelo fato de todos eles se aterem aos aspectos técnicos do problema, sem um exame mais profundo, necessariamente filosófico. Foram muitas as vezes também, que pudemos acompanhar vários fracasso médicos, cada um deles seguidos sempre de uma explicação, todas, comumente, não convincentes.

A análise desses fatos durante todos esses anos, não nos deixou outra saída que não fosse a reflexão filosófica, no que nos pomos a vontade, pois, Hahnemann assim agiu por várias vezes em sua obra ,

*Médico Homeopata-Dir. Clínico do Hospital Homeopático de S. Paulo.

**Filósofo-físico.

ainda que condenando o excesso de conjecturas como perigoso às conclusões médicas e não seria demais lembrar a sua carta ao amigo e colega/ Stapf, escrita em Koethen aos 24 de abril de 1830, onde faz extensa referência à morte de sua primeira esposa; nessa carta ele convida Stapf a visitá-lo e termina dizendo: "Você me encontrará como sempre, protegido pelo meu manto de filosofia revelada por Deus".

Assim é que, inicialmente, buscamos incessantemente na obra / de Hahnemann uma resposta e ali pudemos encontrar duas ordens de respostas, uma técnica e outra mais reflexiva.

Tecnicamente Hahnemann nos refere que o excesso de medicamentos não homeopáticos de um lado e alguns erros na terapêutica homeopática de outro podem tornar um caso incurável. Homeopaticamente são os casos de prescrição errada de Sulfur - seu uso repetido ou após Calcareas carbonica, ou o uso de doses muito fortes ou repetidas em pacientes especialmente sensíveis; na Medicina não homeopática, são os tratamentos externos e locais, as águas sulfurosas, os tratamentos prolongados ou excessivamente fortes.

Mas as suas proposições que mais nos fazem refletir, são as / referentes à necessidade de uma harmonia de vida, quando chega a nos / propor que não devemos tratar aqueles pacientes que se neguem a seguir as prescrições dietéticas e as correções na maneira de viver.

Ainda no exame de sua obra, podemos confirmar sua visão de / uma vida saudável, para ele uma vida o mais possível natural e de acordo com a harmonia universal e divina; a preservação da saúde e da vida estaria ao lado daqueles mais simples, dos que seguissem mais de perto à ordem natural das coisas, dos que vivessem mais para o seu próximo e para a realização da ordem divina. Portanto, se de um lado a vida e a saúde dependeriam de exercícios moderados e de uma vida ao ar livre , de uma alimentação saudável, natural e moderada, do exercício de um / trabalho saudável e honroso, de uma moradia saudável, da realização familiar, religiosa e sexual, de aspirações futuras adequadas; de outro / lado podemos dizer que o viver em desacordo com essas proposições natu

raís, segundo as características individuais, não só levariam à doença como a manteriam e ainda, que a não correção dessas condições inadequadas seria um impedimento à cura. No entanto, o conjunto das condições/propostas por Hahnemann se constituem num encontro na natureza da felicidade de viver e ainda, que a realização de cada uma dessas proposições estará unicamente na dependência da vontade de cada um de nós.

Afirma Hahnemann, em carta a um paciente alfaiate em Gotha , perto do ano de 1800: "...Deveriam-lhe restar não mais do que algumas/poucas moedas para que torne calmo, alegre e feliz. A Providência nos protege e uma oportunidade afortunada nos retorna ao caminho. O que / mais precisamos para viver do que nos proteger do frio e do calor e restaurar nossa forças pelo alimento e pela água? Não mais certamente do que um pouco de coragem; quando nós temos não mais do que o mínimo necessário, nós podemos viver sem muitos problemas. O homem sábio precisa bem pouco..."

Semelhante pensamento encontramos no livro "A vontade de viver" de W. Stekel: "Os homens têm perdido a vontade de viver. Suspiram anelantes pelos grandes prazeres, incapazes de colher da árvore / da vida as pequenas alegrias cotidianas".

"Ser equilibrado, continua Stekel, significa possuir a capacidade necessária para adaptar-se à realidade e extrair desta o maior número de possibilidades para a felicidade.

"Se se dilui o desejo de viver no costume e no tolerável surge então o impulso da morte. Para que continuar a viver?"

"Toda a energia se encontra empregada para obedecer e assegurar o costume , a ilusão de vir a ser não existe. A vida então não é mais do que uma luta contra a própria vida.

"Estes homens se destroem e não vivem, ou vivem com violência contrária à lei natural.

"Não encontramos mais a felicidade em cada um de nossos instantes... e o primeiro dever de quem tem a vida é o encontro diuturno/

com a felicidade", como nos diz Goethe.

Indo além na busca do conhecimento, nos deparamos com o pensador, psicólogo americano contemporâneo de Stekel, Carls Rogers, que em sua obra "Tornar-se pessoa", propõe inicialmente as dimensões da vida de Charles Morris: a Moral, a Pertinácia, o Conhecimento de si / mesmo, a Sociabilidade, o Prazer. Para Morris, viver feliz, para qualquer pessoa, do Ocidente ao Oriente, "é como se essas pessoas de diferentes culturas, contivessem em si as cinco tonalidades principais da escala musical, com o que comporiam a melodia de suas vidas felizes." A Moral, a Força de Vontade, o Conhecimento de Si Mesmo, o Prazer e o Social (Hahnemann?).

"No entanto, continua Rogers, não me sinto satisfeito com a visão de Morris, principalmente quando analiso os casos de meu consultório, nos quais essas dimensões não são o bastante para o equilíbrio feliz dos pacientes.

"Creio que a melhor forma de expor essa finalidade da vida, tal como a vejo nos pacientes, é a de Søren Kierkegaard (filósofo dinamarquês contemporâneo de Hahnemann) - "Ser o que realmente se é" - Mas, o ser a si mesmo, propõe em seguida Rogers, implica em vencer-se do devia ou deveria ser, em ir onde se quer e se pode, e não onde nos querem ou esperam ou até onde seria do agrado de outros chegarmos e irmos; isto sim, na direção de si, o que não implica num estado permanente de alegria e confiança, ao contrário, a liberdade de ser a si / mesmo é cheia de responsabilidade, implica em opções, precauções e medos, confiança ou não em si mesmo. Esse processo não é estático, mas / fluido, evolutivo. Implica ainda numa aceitação de si e dos outros."

Mas, o "conhece-te a ti mesmo", pensamos, não se mostra à análise histórica e à observação de consultório, suficiente à manutenção da vida e da felicidade. A essência da vida deve estar além desse conhecimento socrático - necessário mas não suficiente. Pois, historicamente, homens de grande profundidade, equilíbrio e conhecimento /

CENTRO MÉDICO HOMEOPÁTICO DE SÃO PAULO

"David Castro"

extinguiram suas vidas ainda no auge de sua fecundidade filosófica, científica ou artística; um Cristo ou um Sócrates viram o prosseguimento de suas vidas além da própria vida - um objetivo na morte. Há clientes que sentem esgotados no Ser-Estar e perdendo a perspectiva de suas vidas futuras, dentro de suas potencialidades e condições passadas, desistem de suas existências e só veem na própria morte a condição de / ser e de vir a ser.

A vida assim, talvez tenha sua essência - conforme o próprio Rogers o vislumbrou - na sua possibilidade necessária de fluidez. O / vir a ser tão ou mais importante do que o ser-estar, dentro do que se foi. A evolução sempre aberta, coerente, possível do fui-sou-será é que nos parece, dá o equilíbrio quantitativo e qualitativo de vida.

Nisto está a possibilidade de uma 9ª Sinfonia criada por um surdo - ou a surdez de um compositor não seria motivo suficiente ao suicídio? Nisto também está a morte como fato necessário de vida em Cristo - pois só ele poderia completar e dar força de permanência e - terna à obra de amor por ele completada ainda no começo de seus 30 / anos. O que mais poderia ele vir-a-ser? E o que mais poderia vir-a-ser Lao Tse, após sua única e imortal obra (o Tao Te King), senão desapare- cer como se morto estivesse? Ou o que mais poderia vir-a-ser Sócrates além de, com sua morte, criar o necessário espaço para Platão, e a i- mortalização de sua ética profundamente humana?

É na possibilidade existencial do vir a ser que repousa a es- sência da vida - e só aí aparece a volição - capacidade, energia, for- ça individual vital que nos possibilita alcançar esse estado futuro . E essa VONTADE, um querer vir a ser numa determinada direção, cujo / grau de força ou de querer condicionará a resolução dos conflitos cer- tamente a todo momento enfrentados. Se o vir a ser está coerente e li- berto dentro do fui e do sou, o "Eu" correrá ao futuro e se constitui- rão os momentos de fluidez e de evolução.

É aí, nesses momentos existenciais do ser em conflitos que /

que aparecem pelas irresoluções, os estados de desequilíbrio, no âmagos dos quais a força da vontade num determinado instante poderá pender numa direção e possibilitar o porvir ou nos levar à morte (mas em qualquer dos casos resolver o conflito), ou permanecer sem essa resolução e aí, nesse desequilíbrio existencial, instala-se o fator maior de socorro do "Eu", a doença.

Reportando-nos a Stekel, "Felizmente existe sobre a Terra / uma rainha ante a qual nos devemos inclinar. Com o mais leve roçar de seu cetro, rompem-se e caem como folhas secas as mil cadeias que / prendem o insubstituível e liberta-o de qualquer escravidão.

"Essa rainha é a doença. Por que a chamo assim se é considerada por todo o mundo uma bruxa de misérias e dores? Se é odiada por todos e se permanece a convicção de que um dia será destronada e descerá sobre nós uma felicidade, então, eterna? Por que então a chamo / rainha?

"Inclino-me ante a ela e lhe rendo homenagens desde que cheguei a compreender todo o alcance. Desde que a consegui ver como refúgio dos aflitos, dos tristes e dos delinquentes. Dos perseguidos pelo mal, dos que desejam morrer, dos combatentes involuntários, dos amantes infelizes e dos perseguidos em geral.

"Abre seus braços a todos e lhes oferece proteção em seus imensos domínios.

"Doença. És ainda um mistério, apesar das descobertas da moderna ciência. Por que adoecem uns e não outros? Em que consiste o segredo da pré-disposição?

"Se se pudesse, continua Stekel, e quizesse escapar ao domínio dos fatores psíquicos ... agir como Ulisses e escapar ao encanto das sereias, talvez não adoceassemos.

"Mas como seria isso possível? Como fugir de si mesmo? Como / deixar de ouvir o canto das sereias, quando ele ressoa dentro de nós?

"É um milagre! O homem adocece! É livre, enquanto que antes, quando estava são, era escravo. Mas observa com assombro que a vida / prossegue em seu curso habitual, as rodas giram, aparecem os jornais,

as pessoas ficam boas e morrem. O seu arraigado sentimento de insubstituibilidade cambaleia. Comprova sua debilidade, sua impotência, sua nulidade. Que é ele então? Um átomo em bilhões de átomos.

"No entanto, se sente algo assim como o centro da Terra. Só para ele florescem as rosas, esquentam os raios do sol e refulgem todas as maravilhas da natureza.

"É assim que se apresenta um convalescente. Reencontrando-se na doença observa quão absurdo era seu estilo de vida; estava cego / frente ao precioso milagre da vida. Decide transformar-se. Aí a doença começa seu grato papel de médica e desempenha-o até o fim. Faz projetos para quando melhorar e então viverá mais para si e para os que ama.

"A eficácia do prazer reside nos contrastes. Para o nosso doente é a saúde uma sensação física de felicidade."

E mais adiante, "Fêz-se luz. Nunca ele esteve são. Durante / longos anos é que esteve doente. No fundo, a doença de agora foi o começo de sua saúde."

O que Stekel viu, é o que vemos no dia a dia de nossos consultórios. Isso se o corpo físico individual pode dar abrigo livre à moléstia, possibilitando o equilíbrio vital hahnemanniano. Caso se fechem suas portas ou se profundo demais o fosso entre o ser e o vir a ser, conflitivos no fui (no passado) - da herança à genética - vom o / equilíbrio possível através da doença mental; descê a noite sobre o dia obstrui-se a luz, a vida e a felicidade só reaparecem na psicose, aparentemente brutal. Que felizes os loucos todos na desnecessidade de / livre escolha e na ausência de necessidade de vontade, de um futuro / que não mais foi possível e que daí para diante só existirá em suas / fantasias, em seus delírios, em sua ilusão.

E é então nessa impossibilidade futura de ser coarctado e livre que, livremente, seja através da moléstia física ou mental, aparece a resolução da morte. Ainda Stekel nos diz:

"Quisa o homem morra quando quer ou quando deve morrer. O /

instinto da morte é que absorve a última doença. A morte é a grande redentora, a libertadora misericordiosa. É para a humanidade o que a doença é para o indivíduo ... A morte é o médico da humanidade.

"A doença nos transporta ao problema da morte. Desperta-nos a vontade para a vida. Leva-nos ao sórdido abismo. Retrocedemos sobresaltados, revivendo pelo medo da morte, todas as vantagens e desvantagens da vida.

"...Por mais paradoxal que pareça a doença é o começo da saúde".

Immanuel Kant é o primeiro dos grandes filósofos que vem nos colocar a importância absolutamente fundamental da VONTADE, dentro da moral e ética humanas, deixando-nos o ensinamento de que é através dela que vencemos a doença ... e nós podemos ainda pensar que é pela própria vontade que chegamos à morte, e portanto, que é a vontade individual de cada um a grande limitação à vida, à cura e assim à própria / ação da Medicina. É a vontade do indivíduo a verdadeira e única limitação à Homeopatia.

E não poderia ser diferente. O próprio Universo, segundo o mito judaico-cristão, surgiu da Vontade de um Ser:

"E Deus disse: Faça-se a Luz. E a luz se fez!".